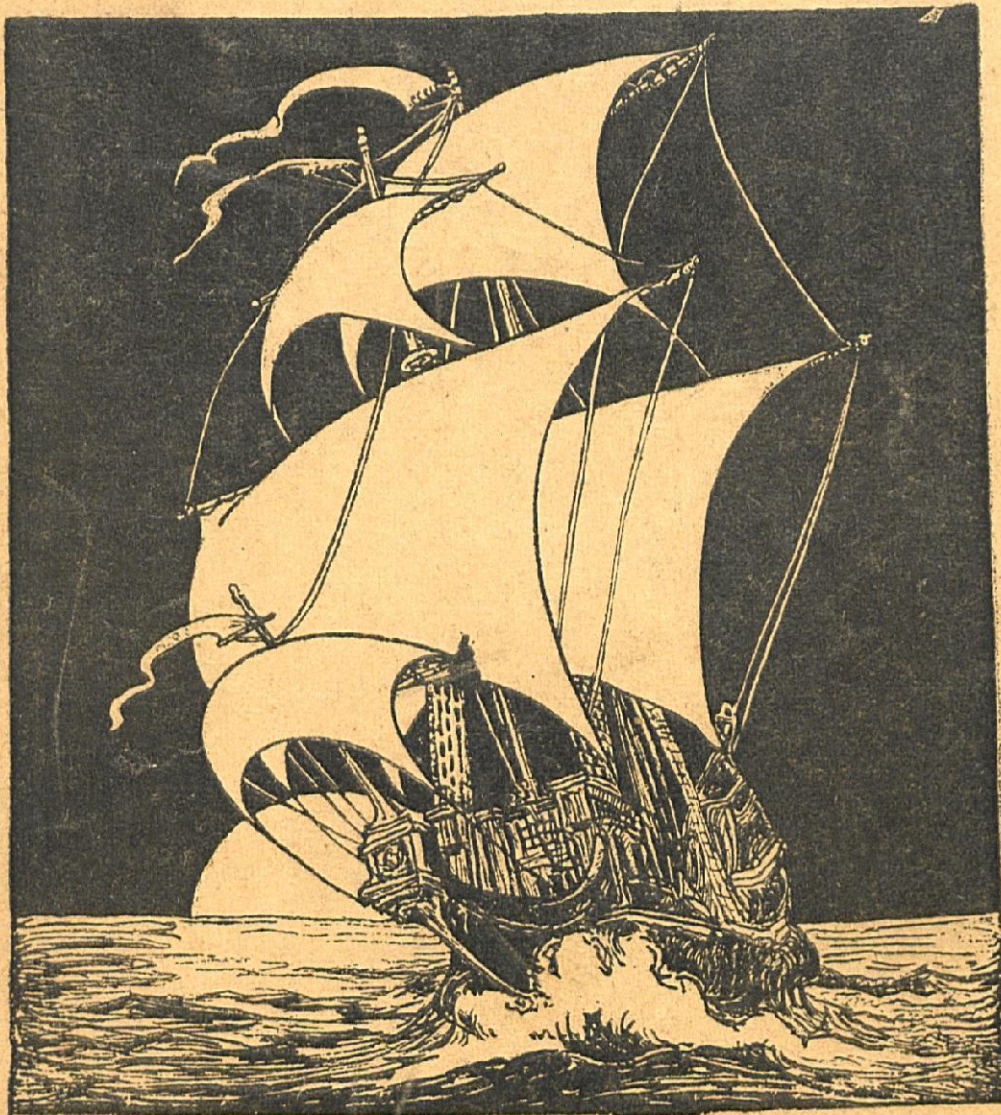


# A: GALÉRA



△ REVISTA DE LETTRAS-ARTE-E-SCIENCIA: △

*G. G. G.*

1.º ANNO — N.º 2

20 DE DEZEMBRO DE 1914



⌘ Suave mari magno praeteriti  
Est procedere ad futurum ⌘⌘

**A GALÉRA** Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Garcia Pulido e Nicolau Sobrinho. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.  
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão da Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DO N.º 2 (1.ª série)—20 de Dezembro de 1914

CAMILO EM COIMBRA, *Teixeira de Carvalho*; AMOREIRA, *Maria Feio*; A JORNADA, *Pires de Lima da Fonseca*; BARBARO, *Mario de Sá Carneiro*; PSYCHOLOGIA DA ARTE—*Avê-Maria*, grafia plena, *J. E. da Costa Cabral*; SINA CREPUSCULAR, *Antonio Alves Martins*; DEUS, *Antonio Ferreira Monteiro*; CRITICA DE PHILOSOPHIA E RELIGIÕES—*Genese dos phenomenos religiosos em geral*, *J. Mathias Lopes*; TRANSMIGRAÇÃO, *Tito Bettencourt*; ARABESCOS, *Alfredo Pedro Guisado*; CHRONICA, *Tito Bettencourt*; CRITICA, *Titus*.—Illustrações: Photogravura de *Aillaud, Alves & C.ª*; gravura, desenho de *Tarquínio Bettencourt*;—Capa de *Tarquínio Bettencourt*.

**Condições d'assignatura:**

**Portugal e Colonias**

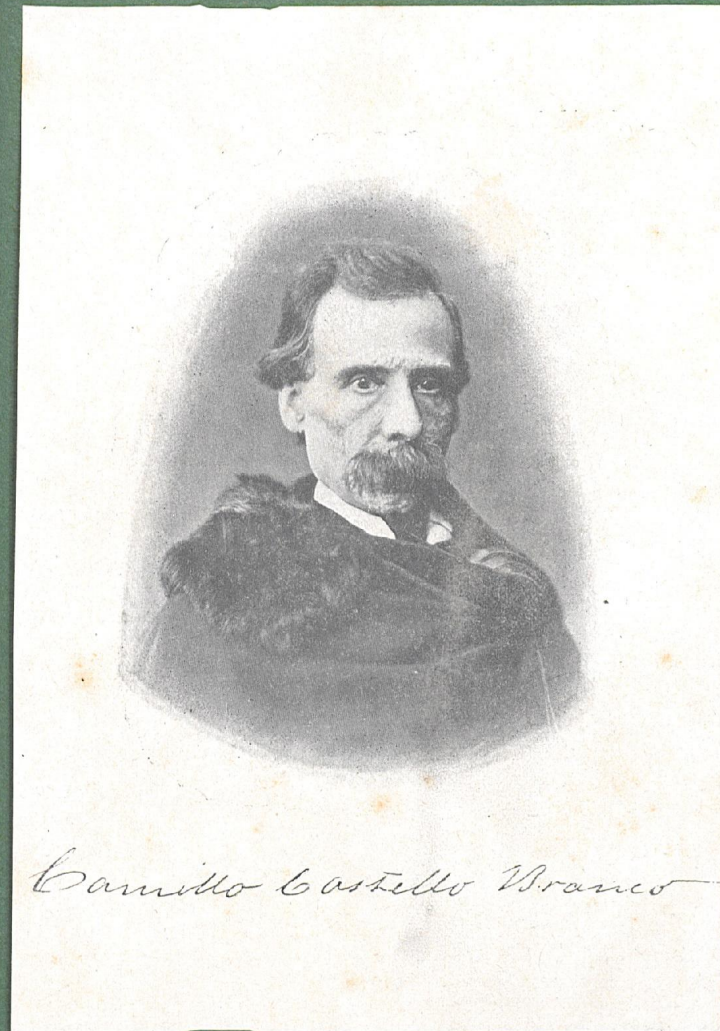
Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 " )	\$46
Numero avulso	\$08

**Brasil**

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

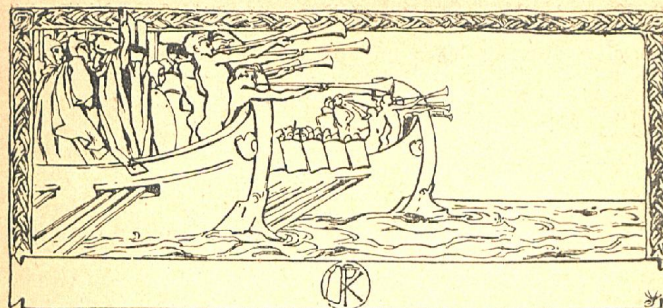
**PAGAMENTO ADIANTADO**

ANNUNCIOS: Contracto especial

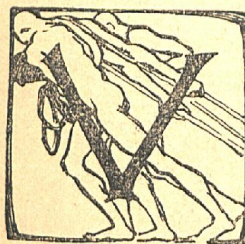


A Galéra, n.º 2 (1.ª série)

(Photogravura dos Snrs. Aillaud, Alves & C.ª)



## Camilo em Coimbra



ÉSPERAS de feriado! Corpo deitado a correr, iam todos rua dos Grilos abaixo, com a alegria dos rapazes ao sair das aulas, quando o da frente estacou de repente, ao virar da esquina, e nos disse rápido:

— O Camilo!

Olhei.

Na rua, não havia mais que um homem parado, de costas, capa à hespanhola traçada, chapéu alto d'abas direitas, olhando pelas escadas que vão para os Palacios Confusos, como se esperasse alguém.

De repente, voltou-se e poz-se a andar distraidamente para nós, que ocupavamos a rua toda, estendidos em linha de batalha.

Ao cimo das escadas, apareceu então um terra-nova, de pêlo preto e anelado.

Nós amarramos a um lado da rua, e começamos a descer vagarosamente, olhando curiosos aquela estranha figura de homem, nem alto nem baixo, magro, esverdeado, bexigoso, com um bigode farto e descido, antipático . . .

Passou sem atentar em nós.

O terra-nova olhou desconfiado para o grupo, que descia calado, deixou-se afagar sem um movimento simpático da cauda, e continuou

aborrecido atrás de Camilo, como a ordenança d'um general n'uma rua só e triste.

Nós continuamos a correr pelas escadas abaixo, mas só começamos a rir outra vez, quando chegamos á Couraça de Lisboa e demos com a alegria dos salgueiros e o olhar azul do rio, em que parecia correr desfeita a tranquilidade doce dos montes distantes.

Parecia que se descobrira de novo o sol.

E nós lá fomos, a correr para o Choupal com o rio que enchêra e vinha marulhar de encontro ao caes, como se fôra a rir e a brincar connosco.

Eu atravessava então uma crise de sentimento.

Chegára a Coimbra com 14 anos, e sentia a alegria de um passarito muito tempo engaiolado, voando por fim livremente, olhando curioso o mundo novo que Coimbra me revelava, rindo contente, mesmo quando caía por me não deixarem voar mais as minhas azas enforçadas e fracas de passarito novo.

Nascia em mim então a necessidade que havia de dominar a minha vida inteira, de ter sempre opinião sobre tudo e de a dizer bem alto.

Começára vida nova e sentia necessidade de o declarar a toda a gente, para que toda a gente o soubesse e contasse com isso. Mandei-me riscar da irmandade de S. Luiz de Gonzaga de que eu fôra, tempo antes, um dos mais entusiastas fundadores e começára a minha carreira de livre pensador.

A alegria que me dá lembrar tudo isto agora...

Esta primeira impressão de Camilo dominou-me a vida inteira. Nunca o encontrei, que não experimentasse a mesma sensação desagradável que a leitura dos seus livros me fez sempre esquecer.

Nunca ninguem teve por Camilo maior admiração que a minha pelo auctor dos seus livros.

Com poucas, muito poucas pessoas tenho tido a sensação da antipatia invencível que me inspirava Camilo quando o encontrava e que se repetia sempre desagradavelmente, algida como á vista d'um reptil, a cada novo encontro, mesmo quando doente, a morrer, lentamente, na mais terrível das torturas.

Encontrei muitas vezes Camilo nos dois annos em que ele viveu em Coimbra, mas nunca o vi, na intimidade com estudantes, na livraria Melquiades ou nas ruas, como o descreve o snr. Antonio Cabral no seu recentissimo livro, em que dá como frequentadores da casa de Camilo, os estudantes Gonçalves Crespo, Macedo Papança, Nunes da Ponte e Teixeira de Queiroz, esquecendo o maior e mais fiel dos amigos do grande romancista em Coimbra, o falecido diplomata Adelino das Neves e Melo.

N'estas conversas de Camilo, não perdia ele a sua veia caustica, e contava-se então uma historia passada com Teixeira de Queiroz, em que Camilo aparece, na critica da sua vida, com a mesma ironia feroz dos seus romances.

Teixeira de Queiroz era um dos novos que Camilo mais amava, um d'aqueles por quem folgava de mostrar consideração, tendo sempre palavras de louvor para a obra do joven romancista.

Teixeira de Queiroz jubilava de ouvir o mestre, e aproveitava todas as ocasiões que se lhe ofereciam para provocar a sua opinião sobre os literatos contemporaneos e as suas obras.

Um dia, levou a conversa para G. Flaubert. Camilo disse poucas palavras e deixou falar Teixeira de Queiroz, que andava então n'uma paixão de rapaz pelo illustre romancista. Falou, todo o passeio, Teixeira de Queiroz e subiu a falar ainda a escada de Camilo, quando este o convidou a entrar.

D. Ana Plácido veio recebê-lo e, trocados os cumprimentos, sentou-se perto da janela a acabar a sua costura.

Camilo sentou-se tambem, tristemente, a ouvir Teixeira de Queiroz que, continuando a analizar a obra de Flaubert, chegára ao adultério de madame de Bovary.

Na tristeza do gabinete que o fim da tarde ia escurecendo, morria a voz de Teixeira de Queiroz que, impaciado com o silencio de Camilo, lhe perguntou:

— Não conhece *M.<sup>me</sup> de Bovary*?

— Não, respondeu tristemente o illustre romancista, quem conhece esse romance é aquela senhora!...

E apontou para D. Ana Plácido que continuava a costurar, alheada da conversa pelas preocupações da sua vida.

O viver de Camilo, em 1875 em que o encontramos, é apenas conhecido pelos artigos do dr. Adelino das Neves e Melo, por quem Camilo teve até ao fim da sua vida a maior amisade.

Transcrevemos o pequeno quadro, que tem toda a amovável simplicidade de uma tela holandeza.

“Na primeira casa em que habitou aos Arcos de S. Bento, eramos vizinhos e quasi diariamente o visitava: umas vezes encontrava-o reboçado no seu capote alvadio junto ao fogão, mesmo quando a temperatura amena dispensava tal calorifero; era porém, muito friorento e nunca achava demais as pelissas e os abafos. N'outras vezes, e eram as mais frequentes, via-o á mesa do trabalho, tendo um masso de tiras de papel de cada lado, onde escrevia dous assumptos diversos ao mesmo tempo, descansando de um para continuar no outro. Parece-me que estou a ver o seu gabinete de estudo, cercado de elevadas estan-

tes com a sua preciosa livraria, a vasta mesa com o enorme finteiro já meu conhecido, rimas de papéis e de brochuras, e a inseparável caixa de charutos; varias photographias e alguns quadros a oleo de merecimento cobriam as paredes, que não eram occupadas pelos livros.

«No gabinete proximo escrevia D. Anna Placido, não sendo comtudo a mesa de costura e o piano simples ornamento; nunca vi ninguem que melhor soubesse repartir o tempo e que tivesse menos pretenções litterarias: a maledicencia masculina, que se compraz em descobrir ridiculos nas mulheres litterarias, tinha de emmudecer perante aquella singeleza. Escrever ou tomar lição aos filhos, tocar piano ou costurar eram as suas habituaes occupações, não desdenhando tambem ir á cosinha preparar algum prato que combettesse o fastio habitual de Camillo, que, além da fraqueza do estomago, julgava ter uma infinidade de doenças, que humoristicamente descrevia aos amigos.»

Camilo Castelo Branco nunca morreu d'amores por Coimbra e pela sua gente. Foi um capricho de doente que aqui o trouxe e não a necessidade, que ninguem poderia provar, de educar dois netos, muito novos e de poucas aptidões para o estudo.

Quando está para vir para Coimbra, Camillo escreve aos seus amigos, dizendo-lhes da decisão, e rindo-se do viver que irá ter, annunciando a sua possivel formatura em Theologia.

A unica justificação possivel seria o afastamento dos netos de influencias que pudessem ser-lhes prejudiciais, mas penso que perderá o tempo quem quizer procurar n'esta direcção a explicação da vinda de Camilo para Coimbra.

Camilo veio para Coimbra por um impulso de doente, e por um impulso de doente saiu de Coimbra.

O snr. dr. Antonio Cabral julga que Camilo Castelo Branco encontrou no convivio dos poetas e literatos academicos e nas conversas com estudantes na livraria Melquiades a unica distracção do seu espirito.

O snr. dr. Adelino das Neves e Melo aventa que Camilo tivesse vindo á procura d'essa mocidade e que, se "... julgava elle ainda encontrar na irrequieta mocidade academica uns longes d'aquella bohemia de ideias arrojadas e originaes, que sonhava chimeras e praticava loucuras, mas cuja exuberancia de vida e generosidade de sentimentos não podia deixar de ser apreciada, a despeito da antipathia de lentes e verdeaes. Enganou-se; o ultimo tardigrado, o derradeiro representante d'essa roda festiva, concluiu a formatura um anno antes, e escrevia sisudamente em Braga os seus *provarás*, em vez de sonetos e sonetinhos ruidosamente applaudidos na tasca do Rodrigo e nas Camellas.

«A mocidade que elle encontrou era positiva e pacata, não esturdiava extravagancias notaveis, nem sonhava futuros fabulosos: dis-

culia com juizo as eleições da sua terra, e não mantinha ambições que fossem muito além d'uma boa delegacia ou conservatoria em qualquer comarca do reino: passava por elles o progresso, afugentando a extravagante poesia, que perturbára por tantos annos o appetecido descanso dos paes de familia e professores.»

E remata:

«Não encontrando grandes attractivos n'outras relações, limitou a sua convivencia a poucos amigos e passava a maior parte do tempo no seu escriptorio, ou em passeios hygienicos pelos arredores da cidade.»

Eu penso que nem um nem outro achou a explicação d'esta decisão de Camilo que deve procurar-se nos impulsos irresistiveis da sua doença.

Camilo passou o anno em Coimbra com todo o rigorismo academico, ouvindo a recita do quinto anno e recolhendo a casa nas férias grandes.

A recita de despedida dos quintanistas que o snr. dr. Antonio Cabral descreveu com todo o enthusiasmo de um caloiro trasmontano não devia deixar em Camilo uma impressão muito agradável.

*Figados de Tigre* é uma farça detestavel que as graças academicas, d'uma sensaboria classica, tornavam mais detestavel ainda.

Camilo devia rir tristemente d'aquella plateia que ria com a evocação do oleo de copahiba, e com a obscenidade boçal de Tantalos.

Essa recita do quinto anno foi das mais censuradas pela sua falta de originalidade e pela obscenidade dos ditos de pretendido espirito.

Camilo foi-se, no fim do anno, não pensando em voltar. Assim o dá a entender a carta que escreveu ao Dr. Adelino das Neves e Melo em resposta a outra em que este lhe annunciava o nascimento do primeiro e unico filho, que hoje é publicada pela primeira vez:

Meu amo

*Recebi na Povoia a gratissima noticia com q. V. Ex.<sup>a</sup> me obsequiou. E demais a mais um rapaz! Que sanctas alegrias ahí não irão nessa casa onde só lullavam os jubilos de um anno! V. Ex.<sup>a</sup> verá, como d'hora em diante lhe será mais suave o trabalho, e mais doces as horas de repouso. Anna Placido e eu enviamos a V. Ex.<sup>as</sup> o sentimento sincero da nossa satisfação.*

*Se V. Ex.<sup>a</sup> quizer ter a bondade de me dizer se a casa que occupamos está alugada, mt.<sup>o</sup> me favorece. Se está alugada iremos no fim de 7 br.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> fazer a mudança: se não estiver, iremos em começo de outubro, p.<sup>a</sup> deixar o vinho armazenado! Aperta-lhe cordealment.<sup>e</sup> a mão o de V. Ex.<sup>a</sup>*

mt.<sup>o</sup> grato Amigo

Povoia de Vazem  
1 de 7 br. 1875.

Camillo C. Br.<sup>co</sup>

A casa dos Arcos de S. Bento estava alugada. Camilo respondeu á carta de Adelino das Neves e Melo, da cama e doente como regressára da Povoá.

Camilo Castelo Branco não pensava, ao escrever as suas cartas, que elas fossem um dia publicadas e lidas com interesse, por isso certamente as escrevia com despreocupação, que hoje embaraça os que procuram documentar a vida do genial romancista com a minuciosidade á moda na critica literaria contemporanea.

Julgo tambem inedita esta carta que o acaso me deparou:

*Ex.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup> e Snr.*

*Escrevo-lhe da cama onde estou a pagar os "prazeres" da digressão. Só duas linhas de m.<sup>to</sup> agradecim.<sup>o</sup> a V. Ex. p.<sup>r</sup> tantissimos favores. Contraria-me ter de andar em Selembro com os cacos na rua, não obstante, que remedio! accito a caza. O peor é que, tendo de mandal-a esteirar em parte, decerto se inutilizam estas pompas de palha com que tenciono rivalisar os Sardanapalos de luxuosa memoria.*

*Meu sobr.<sup>o</sup> José — cabeça assás ôca — encarregou-se de fazer tanta coisa q. eu receio que elle nada faça. Peço mui affouta e encarecidamen.<sup>te</sup> a V. Ex.<sup>a</sup> que o estimule para elle mandar fazer as esteiras. Tinha-se combinado abrir na sala o boraco para o fogão; mas intendo que é isso m.<sup>to</sup> intempestivo.*

*Qt.<sup>o</sup> a esteira, agora, melhor reflexionando, resolvo levar umas que tenho nesta casa, e depois la se renovarão n'essa ou na outra caza.*

*Hontem envié a V. Ex.<sup>a</sup> um livro.*

*Peço a V. Ex.<sup>a</sup> que deponha aos pes de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa os meus respeitois e os de meus filhos.*

*E sou de V. Ex.<sup>a</sup>  
com muita amisade e gratidão*

*Camillo C. Br.<sup>co</sup>*

*28 de 7bro 1875.*

A inesperada referencia á cabeça assás ôca do snr. Dr. José d'Azevedo Castelo Branco fica á responsabilidade de seu tio.

E' um pequeno dissabor, bem compensado por ter tal homem de genio na sua galeria de familia.

Na carta seguinte, inedita tambem, anuncia Camilo a Adelino das Neves e Melo a sua proxima partida para Coimbra:

*Ex.<sup>mo</sup> Am.<sup>o</sup>*

*Estou enfardelando a bagagem. Tenciono estar apozentado na risonha Coimbra até ao dia 15 do corrente.*

*Tem V Ex.<sup>a</sup> de me alurar com benigna conformid.<sup>e</sup>*

*Percizo de ter ahí pessoa a quem possa remetter o conhecimento das bagagens q. fôr transportando.*

*Quer-se pessoa q. tome a seu cargo o fazer carrear a mobilia da estação p.<sup>a</sup> caza. Lembrava-me ir eu mesmo dirigir estas enfadonhas coizas; mas receio não poder dormir nos leitos das hospedarias que são para mim leitos d'agonia. E' possivel q. V. Ex.<sup>a</sup> conheça pessoa a quem se retribua este serviço; e, a cargo da m.<sup>ma</sup> ficaria o cuidado de fazer lavar a caza, e remendar alguma vidraça, bem como assentar fogão na lareira. Vá V Ex.<sup>a</sup> vendo quantas importunaçoens lhe delego. Culpe a sua bondade e indole servical.*

*Sahiu agora d'aqui o meu medico, Monteiro, que me disse ser m.<sup>to</sup> amigo de V. Ex.<sup>a</sup> Já vê qual seria a descripção que elle me fez das excellentes qualidades de V Ex.<sup>a</sup>*

*Tenho padecido m.<sup>to</sup> n'estes ultimos quatro dias; mas a esperanza de mudar de clima galvanisa-me.*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*am.<sup>o</sup> e adm.<sup>or</sup> affectuoso*

*Camillo C. Br.<sup>co</sup>*

*Docto  
3 de lev.<sup>o</sup>  
1857.*

D'esta carta resalta que não é sem fundamento a minha ideia de procurar n'um impulso de reacção contra a doença a vinda de Camilo para Coimbra.

Camilo está doente, com medo do frio, da falta de conforto, mas sente-se galvanizado com a esperanza de mudar de clima.

Não é a ideia de educar os netos que ali o leva, não é Coimbra doutora que êle procura; é a Coimbra risonha que lhe ha-de socegar os nervos excitados.

Tral-o tambem a convivencia com o amigo a quem escreve, que é o Dr. Adelino das Neves e Melo, o amigo mais leal que aqui encontrou e cujas belas qualidades ele folgava de ouvir exaltadas pelos amigos com quem conversava.

Camilo não encontrou em Coimbra o descanso que procurava.

*(Continúa).*

☞ TEIXEIRA DE CARVALHO ☞

NOTA — Respeitamos a orthographia d'este nosso disincisissimo collaborador.



(Estylo Renascença)

## AMOREIRA

**M**INHA amoreira, magestosa e antiga,  
Cheia de amoras, negras, que eu gostava,  
Quando á tua sombra protectora e amiga,  
Sendo eu menina e alegre, me abrigava.

Soubesse o que sei hoje, e não deixava  
Este docel de folhas, que me abriga,  
Por outro mundo, falso, que eu julgava  
Tão bom nos sonhos meus de rapariga.

Ao ver-te agora o olhar, já não se alegra,  
Ai que tristezas traz p'ra te contar!  
—Pudésse eu ser aquela toutinegra

Que nos teus ramos logo de manhã  
Sauda da alvorada o despertar  
N'uma risada nitida, louçã!

⊙ MARIA FEIO ⊙

## A JORNADA

### ROMPER D'ALVA



**A**MANHECIA. O céu ia enlivedecendo; e colorações d'anil, de violeta e de topazio, iam tomando o horizonte p'r'as bandas do nascente. Passaros madrugadores acordavam nos ninhos, e já a Natureza espreguiçando-se do somno, começava a despertar para a vida.

Lentamente, n'uma gradação morosa, tons alaranjados iam succedendo ao diluido da amethysta, e um discosinho d'oiro começava a levantar-se espreitando a Terra adormecida; uma imperceptível tira de luz ia beijar n'um aneio amoroso de claridade os cumes dos montes.

Passos lentos, olhos perdidos nos olhos, os corações em festa, mudos os labios anciando pela linguagem dos beijos a custo reprimida, elles lá iam vagarosos e leves como sombras de ventura, trocando as almas nos olhares, perdida a consciencia da vida no enlevo espiritual e alto dos destinos que só querem entrelaçar-se.

Assim caminhavam, mãos apertadas, corpos inclinados um para o outro, levados irresistivelmente pelo fluido intimo d'uma sympathia que os arrastava para a suprema e completa realidade da posse. Era o sonho vivido, transmittido d'um a outro na corrente impetuosa de sentimento que os dominava, imans reciprocamente poderosos.

Fôra o primeiro olhar o elo da magica cadeia que os ligára na mesma aspiração fremente.

Conjugavam-se as almas, attraíam-se os corpos, trocavam-se os corações, e agora que na mais sublime das loucuras se entregavam sem constrangimento, deixando-se adivinhar um pelo outro, pertenciam-se. Para que mentir? Era assim; assim seria.

O sol banhava-os como uma benção; o grande Deus da Vida, da Força, da Harmonia, deixava-lhes cahir sobre a alma o manto soberbo e protector da sua Graça.

Ruiriam universos que elles não sentiriam a derrocada, baqueariam imperios e creanças e reis, que nada ouviriam.

Suspensos entre terra e céu, levantados pelo espirito acima de si proprios, iam fluctuando serra acima como se não andassem, e como



nuvens se desprendessem da terra e como estrellas se desprendessem do céu.

Havia hymnos gloriosos no deslumbramento da paysagem; a Terra cantava alacre o grande mysterio da Vida.

Erravam perfumes pelo ar, desabrochavam flôres e a manhã levantava-se n'um estonteamento alegre, cheia de gorgeios, de cantos, de claridades deslumbrantes d'apotheose.

Ha muito que aquella jornada os seduzia, e agora que a emprendiam, dilatava-se-lhes a alma ao contemplar aquella symphonia de Belleza que lhes cantava na retina o brilho deslumbrante do sol, esmallando a paysagem de côres hilariantes.

Galvanizára-os a magestade soberba e alterosa da serra cheia de côr e de vida, os pinaros perdidos lá ao alto no tom confuso e diluido das distancias.

Era ainda tão longe!

Prenderam-se mais os olhos, as mãos buscaram as mãos, e vagarosamente, olhando o mundo como uma névoa da altura vertiginosa d'esse delirio, os labios buscaram-se n'um beijo reciproco e longo, asphyxiante e doce, com o estremecimento offegante de peitos que se apertam.

. . . . .

Na frescura embalsamada da manhã, o sol como um clarim de victoria erguia para o alto o seu vibrante canto de luz.

## DIA

**P**elo caminho já os não assustava a viagem, sentindo-se fortes um ao lado do outro para affrontar os perigos, os olhos embebendo-se na contemplação da serra, obra de Deus a repercutir-se, a cantar dentro de si proprios como um ecco poderoso e grande do amor universal.

Dia claro, de tonalidades purissimas em que o céu não tinha a mancha d'uma nuvem, só aqui e além salpicado pela nódoa escura d'uma aza, symbolo da Vida.

Cantavam fontes, soluçavam aguas, e pelas ramadas ninhos gorgeavam n'uma alegria estonteante e doida com frêmitos d'azas n'um rufar sêcco de vôos.

Recortava-se na luz toda a planicie em pormenorisações nitidas de contornos e de côr, e nas primeiras zonas que iam atravessando, os pinheiros novos balouçavam as cabeças diademadas, a transparentarem-se á luz em tons glaucos d'esmeraldas liquidas.

Olhavam-se devagar; e olhos brilhantes, cabellos polvilhados de

luz, as cabeças erguiam-se conscientes de força, entroncando os corpos cheios de vida onde um sangue generoso e uma alma nobre na dilatação maxima das grandes felicidades, lhe fazia bater o coração sereno n'um rythmo compassado de ventura tranquilla.

Chovia oiro. O sol a prumo inundava tudo.

Iam subindo, sempre subindo. Espiralava-se no ar o fumo dos casaes, erguiam-se cantos como n'uma saturnal pagã na decoração das florestas soberbas de carvalhos e loureiros dos montes heroicos da Hellade.

A paysagem era clara, consoladora.

Andava no ar um sopro de felicidade que os inundava de bem estar tranquillo, sentindo a alegria estonteante do sol, a ventura infavel das vidas que decorrem sem um remorso que as perturbe, emoções fortes que as sobresaltem.

É tudo á volta lhes entoava o poema heroico e magnifico da Vida.

Casas brancas d'aldeias dispersas incrustadas na massa verdejante dos pinhaes e das seáras, manchas prateadas d'olivedos, debruando como barras de veludo hortas e pomares, tons claros de prados, massas ondeantes de trigaes n'uma promessa pagã d'abundancia. É muita luz n'um scenario hilariante de côres vivas, musicas d'abelhas e de insectos, gemidos melopaicos de noras, sussurros abafados de aguas espadanando nas azenhas, irisadas de côr revolteando e erguendo-se em castellos d'espuma alvissima.

(*Continúa*).

¶ PIRES DE LIMA DA FONSECA ¶

(Do livro «Contos da Noite» em via de publicação).





(Estylo Luiz XVI)

## BARBARO

A Tito Bettencourt.

**E**NROSCAM-SE-LHE ao tronco as serpentes douradas  
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.  
Mima a luxuria o nu — Salomé asiatica...  
Em volta, carne a arder — virgens supplicadas.

Mitrado d'ouro e lua, em meu throno de Esphinges  
Dentes rangendo, olhar de insomnia e maldição  
Os teus colleios vis, nas infamias que finges,  
Alastram-se-me em febre e garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...  
Sangue te escorre já da bocca profanada...  
Como bailas o vicio, ó torpe, ó debochada —  
Densos sabbats de cio em frenesis vermelhos...

Mas ergues-te n'um espasmo, e ás serpentes dómas  
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...  
As tranças desprendeste. O teu cabelo incerto  
Inflamma agora um halo a crispações e arômas.

Embalde mando arder as mirrhas consagradas:  
O ar apodreceu da tua perversão...  
Tenho medo de ti, n'um calafrio de espadas —  
A minha carne sôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delirio — e suffoco, esbracejo...  
A luz enrijeceu zebrada em planos de aço...  
A sanze se virgula e se desdobra o espaço...  
Tudo é loucura já quanto em redor alvejo...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,  
Caio sobre a maldita... apunhalo-a em estertor...

.....

— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,  
Ou a minh'Alma só que me explodiu de côr...

Camarate — Quinta da Victoria.  
Outubro de 1914.

⊙ MARIO DE SÁ CARNEIRO ⊙

(Para os «Indícios de Ouro», volume em preparação).

## Psychologia da Arte

Avè-Maria, gratia plena

(CONTINUAÇÃO)

**N**ão riam agora os criticos de lêmpera vesga e sangue  
lasso, talvez desnatado em bacchanaes de vinho ba-  
rato, cartas de soalheiro, á luz parda e fumacenta d'um  
candeieiro d'uma d'aquellas casas a que se referiu Mérimée ao di-  
zer: — «*Les trottoirs de ces rues rincés par l'eau des cuvettes*», agora  
agarrados a Livros d'Horas, para que as horas lhe façam esquecer a  
virilidade antiga, ao saberem-me de joelhos, os olhos postos no fogo  
dos olhos de Maria Magdalena deante de Jesus, n'uma paixão ar-  
dente, que a olha com um sorriso tão cheio de bondade e carinho  
que quizeramos ser a terra onde Maria cahiu de joelhos, o dorso ar-  
queado, mostrando-lhe toda a exuberancia das fôrmas, quasi uma  
nova tentação de Jesus e tanto assim que elle, receando a finura de  
Judas, estende-lhe a mão, arredando-a, e recúa, n'um mixto de medo  
e d'encantamento.

A esta Magdalena, á Mulher, temos lido tão formosos versos,  
eumclpeas tão lindes, que nos recorda logo a comparação que já vi-  
mos feita entre **Bazzi** (o *Sódoma*) e **Racine**, ambos agindo sob o im-  
perio d'essa «força mysteriosa» que se chama a Arte, como diz Jaëil,  
o que nada tem de paradoxal desde que conheçamos bem o papel e o  
fim da Arte, a unidade das suas manifestações, sem que, como quer  
o Realismo, as verdades chamadas geraes predominem sobre as que  
soe dizerem-se particulares.

O realismo assenta sobre a distincção do *esse* e do *percipi*, e nós  
temos de o repetir sem condescendencia para com aquelles que se co-  
roaram de louros, n'uma vaidade de bonzos. Nós o provaremos tam-  
bem quando tivermos de estudar o Romantismo e d'elle passarmos ao  
Realismo. Procurando a universalidade do conhecimento, temos de  
recorrer ao *symbolo* como *modus cognoscendi*, tanto mais que todo o  
pensamento é symbolico, começando pela propria *sensação*, que é por  
si mesma uma linguagem simplificada da realidade complexa.

O Pintor e o Poeta approximam-se, porque ambos elles applica-  
ram os mesmos principios a diferentes manifestações da Arte, sem  
que a vida do tempo de Petrucci fosse do mesmo molde que a do  
tempo de Luiz XIV.

Eu sei bem que **Bossuet** definiu a Arte «o embellezamento da  
Natureza», mas a verdade é que esta definição, como quasi todas, olha  
apenas um aspecto, n'este caso o de menos valor, se é que sob algum  
aspecto é verdadeiro, da Arte.

Certo é que ainda contemporaneamente o *Impressionismo*, sob a

egide de *Florian Parmenier*, assim a considerou, mas isto não tem razão de ser, como veremos ao estudar o *Pessimismo* e o *Romantismo*.

A Arte deve, como fez Sodoma, preferir a plasticidade solida e os corpos viris á subtilidade e delicadeza das linhas, dando-nos uma Humanidade cheia d'alegria e ancia de viver, em que nada opprima o coração.

De facto, o pincel de Bazzi quiz penetrar as almas, traduzir physionomicamente os sentimentos do individuo representado, as poses e os gestos, dando a tudo vida, graça e juvenil volupia, e conseguiu-o, dando-se rasgos d'audacia, de liberdade e de persuasão, o que o fez considerar o incontestavel pintor do soberbo poema da juventude.

Não podemos, bem entendido, pôr de parte, muito pelo contrario, a anatomia e a perspectiva, seguindo-se ainda hoje, n'este ponto, os ensinamentos de Vinci (*Tratado de Pintura*, ed. Delagrave; Peladan, *A Philosophia de Leonardo Vinci*, ed. Felix Alcan), mas o certo é que deve o Artista ter mais intuição, natureza, do que reflexão. Basta ver a *Jocunda*, de Vinci, para o reconhecer, mórmente comparando-a com a *Morte de Lucrecia*, de Sodoma.

Não obstante, os dois pintores teem como ambição o que *Seailles* diz ser «tudo o que n'um rosto e n'um corpo, pôde apparecer da alma humana». Elles completam-se, porquanto ao lado da ardencia sensual da Carne, de Sodoma, encontra-se a intellectual volupia, de Vinci, exprimindo a perturbação da Alma.

*Vasari*, que é incontestavelmente um espirito critico, diz que tão agradável é a expressão da *Jocunda*, «tão doce o seu sorriso, que mais parece uma obra divina do que humana».

Não pareça, porém, que Vinci haja feito do Ideal uma coisa vaga e abstracta, porquanto elle é, provam-no mais os seus quadros do que os proprios capitulos do seu *Tratado*, a propria intelligencia do real, que elle engrandece á força de o comprehender.

Já Maria, a irmã de Martha, encantava o meigo Jesus com a doçura dos olhos seus, não porque lhe matasse o corpo, mas porque lhe perdia a Alma, segundo o espirito da epoca, o que não quer dizer que eu concorde com tal doutrina, como esse mesmo Rabbi da Galillea não concordou tambem, e tanto que viveu sempre da luz dos olhos da Mulher, banhado pelas ondas dos seus cabellos, e Florenço, quando quiz tentar S. Benedicto, mandou aos frades d'este santo sete mulheres que, n'uas, dansassem deante d'elles.

Sempre a Mulher, sempre o Nú!

E' que, se vestirmos a Venus, embora com ténues gazes, ella deixa logo de o ser. A propria Eva, quando o Deus-Pae a mandou para o Limbo (o bom do Padre-Eterno pôl-a tão linda que não teve coragem de a condemnar para sempre!), onde Christo a foi encontrar, enco-bre-lhe os bellos pomos, mas liga-os de fôrma tal que dá vontade de ir sorver o Leite da Vida na concha formada pelos seus braços e pelos



DUAS PSYCHOLOGIAS

== DESENHO ==  
DE TARQUINIO  
BETTENCOURT

Para o SEBASTIÃO ALCANTARA

Tip. Minerva — Famacão

seios, que ella achega! E' tão doce beber a ambrosia no entreaberto das duas metades da concha do gôzo!

Na alliança sublime da Pintura e da Poesia, ambas ellas telas da Natureza, quanto mais vestirmos esta, mais o Artista perde da graça instinctiva e subtil do sentimento, perdendo ao mesmo tempo essa poesia ingenua, que brota das rosas que se entreabrem, da Terra, que se deixa beijar pelo Sol, n'um abraço tão estreito que d'ella provém toda a Materia, todo o Bello e todo o Bem, dando-se «il più dolce e il più vago lavorare che sia»!

Chamam a isto, eu o sei, *Idealismo Latino*, mas basea-se elle na realidade, surprehendendo os movimentos mais secretos da Vida, as suas manifestações exteriores — traduzindo o amago das almas —, e só assim se attinge o termo limite para onde todos caminhamos como quantidades e esforços variaveis.

Raphael, que por vezes foi inferior a Bazzi, dôa isto a quem se não prende com pequenas coisas (sic), esquecendo o Papa o protegido de Agostinho Chigi e só vendo o chamado *Pinor da Camara da Assignatura*, quando ambos elles o foram e tambem justamente emulos um do outro, não foi inferior em originalidade e sentimento aquelle ao tratar o quadro de *Aëtion* (refiro-me às *Nupcias de Alexandre e Roxane*), não se sabendo até se o enamorado de Maria de Bibiena, e, portanto, rival de Leão X, se inspirou em Sodoma ou se este foi beber a inspiração n'aquelle.

Fallei de Eva e Roxane e seja-me licito comparar as duas mulheres, que, nos quadros de Bazzi, se nos mostram duas irmãs, attraahindo-nos ambas seductoramente. Se Eva não tem nos olhos, cheios de piedade, aquella chamma d'Amor, que nos devora e nos abraza no olhar ethereo e doce no seu posto, de Roxane, a concha dos seus seios, continuando-se na prega do seu braço, que se dobra, e o encanto do seu peito, que dedos esguios querem vellar, arrancam-nos ao mysticismo a que nos levára a calma dos seus olhos, volvidos para nós os mortaes, e alira-nos para o seu corpo ligeiramente arqueado, sugando-lhe as ancas sublimes e bebendo frescura nas suas carnes finamente delicadas. E' bem o mysterio que nos attrae, não sabendo eu se mais o mysterio feminino ou se mais o mysterio christão.

Sim . . . o mysterio! Isso que nós não sabemos definir e que cresce ou diminue segundo o desejo que temos de o interpretar e que, diz *Stéphane Mallarmé*, evolute segundo o nosso espirito!

Esse mesmo mysterio, mas o mysterio pagão, se encontra em Roxane, estudada que ella seja no soberbo quadro de Aëtion, n'esse quadro que, no dizer de Luciano (servi-me da trad. de Perrot, Paris, 1660), exposto nas Olympicas, presidindo Proxenides, mereceu que este lhe dêsse como premio a sua propria filha. Ahi se canta por fórma nunca vista o hymeneu, mas tambem pincel algum lhe deu em qualquer tempo tanta luxuria, velando-a tanto.

Soberbamente nua, formosamente bella, as mamillas mordicantes, os olhos—um mixto de sensualismo e de pudor—vendo um céu de goso, não obstante querer olhar a terra, as carnes palpitantes brincando sob tenues gases, que Amores despem, enquanto que ella, entregando a perna nua, para que um outro lhe descalce a sandalia, mostra o torneado da perna, deixando perceber o resto, como que repetindo a phrase de Lysistrata ao dizer que, para os homens depõem as espadas e fazerem a paz, nada ha como uma mulher deixar vêr alguma coisa e sonhar o resto, Roxane deixa, mostrando que tal não quer fazer, vêr bem quanta volupia, amor, desejo e sensualismo d'ella se apoderaram. *Ostendit pudenda!*

Referi-me ao papel pacifista dos encantos da Mulher, do Nũ Feminino, e não precisamos sahir do *Pluto*, d'**Aristophanes**, para d'isso termos a prova, pois ahi vemos como Menelau lançou por terra a sua espada ao vêr... o collo nú d'Helena.

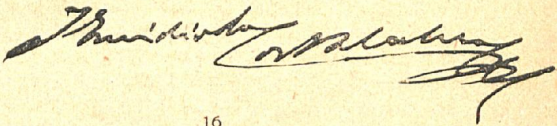
Talvez até, quem o sabe?, que, conhecendo o imperio do Nũ e que «les fruits charnus, croquants, gonflés, pétant de seve» (*La Marchande de Pommes, de Hugues Delorme*) exercem sobre os generaes um grande poder, fosse devido a isso que o Kaiser, o celebre homem do «*de omni re scibili et de quibusdam aliis*», disse a M.<sup>elle</sup> Lindner que «a alma allemã não ri no desempenho dos seus papeis». Não obstante, é elle menos severo n'este ponto do que o Tzar, porquanto este prohibiu até os Costumes Directorio com a saia aberta ao lado, prohibindo o dar-se um beijo em publico, embora seja em nossa Mãe.

Deixemos, porém, o Kaiser e o Tzar nas mãos um do outro e prosigãmos na paz do nosso gabinete de trabalho a estudar serena e docemente o Bello e o Bem.

Traduzindo-os, devemos encontrar a vida e a luxuria dos vinte annos, não como um elemento decorativo, como o quiz Veronês, nem como scenas realistas a Ghirlandazo, mas sim como a expressão viva da Natureza em toda a sua simplicidade, unindo o realismo dos quadros á observação da Natureza. Basta vêr Maria, a Mãe, na *Apresentação no Templo*, em que todo o amor de Mãe, toda a natureza da Mulher, se nos revella em toda a sua plenitude e verdade.

Como a epigraphe indica, eu apenas me prendo com a Alma do Artista e não com a technica da Arte, porque ella é por demais insufficiente. Sendo assim, estudo a Psychologia da Obra, a Alma dos themes e não a technica do pincel. Foi, talvez, tambem a essa Alma que Leão X e Juliano de Medicis attenderam ao terem em tanto apreço a *Morte de Lucrecio*, de Bazzi.

(Continua).



## SINA CREPUSCULAR

— Ao Garcia Pulido.

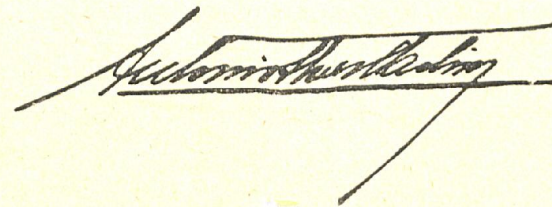
ÉRRO, de incerto! Desconheço o norte!  
Vivo de hesitações! Ouço em surdina!...  
... Um cigano vae lêr a minha sina:  
Exponho a mão: vou entregar-me á sorte.

No vagabundo olhar, como em transporte,  
Sonho a Aventura, a Caravana, a Ruina!  
Diz-me que tem inspiração divina,  
Que prende a Vida e tem poder na Morte!

Revejo-o bem: descende de alcatias;  
Andou a monte; incendiou aldeias!  
Aberta a mão, vae lêr-me o desengano...

Depressa a minha sina, ó Peregrino!  
— Meu Deus! Como será o meu destino  
Para viver na alma d'um cigano?!...

Beira Alta — 1913.



## DEUS

— Ao Antonio Alves Martins.

ALBERGO Deus: em mim a sua essencia  
Divina se reflecte e se traduz;  
Sou um atomo da sua omnipotencia  
E sinto-o sempre que commungo a Luz!

Vive inteiro na minha consciencia,  
Que delle a uma scintella se reduz;  
E quando imolo a Deus minha existencia  
Sou como Christo ao expirar na cruz.

Deus é o Todo em amor divinizado:  
P'lo amor em mim mesmo crio os céus,  
Ergo-me acima do meu proprio fado!...

Abarco p'lo amor a Immensidade.  
E commungando o mysterio da Unidade,  
Em espirito eu uno-me] com Deus!

*Antonio Alves Martins*

## Critica de Filosofia e Religiões

Genese dos phenomenos religiosos em geral

(Continuação)



M phenomenos tão complexos como os religiosos, diversos factores deveram simultaneamente conjugar-se e confluir para a sua genese e formação, embora por phases successivas. De feito, as crenças religiosas, cuja existencia e universalidade datam dos tempos prehistoricos, como d'uma maneira indiscutida a historia e a ethnographia nos demonstram por meio dos seus monumentos megaliticos, sepulturas e amuletos, tem as suas raizes primordiales na propria psychologia humana, na actividade incessante e infatigavel do espirito do homem, que não podendo satisfazer-se e limitar-se apenas á apparencia dos factos brutos, que se projectam em todas as coisas, que sejam *eu* e *não-cu*, tudo pretende adivinhar e explicar, induzir e relacionar em nós e fóra de nós.

O psychologico instincto metaphysico em primeiro logar *pensado* e *reflectido* pela intelligencia, em segunda phase *sentido* pelo coração e *vivido* pela consciencia, constituiu, a meu vêr, como que o *bioplasma*, o *nucleus* dos phenomenos religiosos, das crenças em sêres ultramundanos, dos anhelos ardentes e impacientes anceios, das mil vagas e indefinidas nostalgias do divino transcendente, que, na sua linguagem prophetica e sibilina, necessariamente impelliam o homem das idades primitivas a crêr firmemente na realidade do mundo paradiziacio da sua creação, ainda que em algumas circumstancias fosse associado, já a uma intuição mysteriosa e magica do segredo do Absoluto ou á divinição dos heroes, já ao culto dos antepassados ou á communicação directa do homem com o olympo dos deuses. Os povos primitivos, creando as diversas divindades e inventando as religiões, procuravam n'uma febril e cruciante curiosidade de saber, aliada a um vehemente, emocionante e irrequieto *élan* do coração, sahir do estreito e limitado ambito do mundo physico, psychico e moral, para exacta e fielmente interpretarem os diversos phenomenos e enignas do Universo e satisfazerem as multiplas e prementes necessidades affectivas e moraes com que a sua animalidade mystica já poderosamente excitada começava

de tortural-os. Ainda na sua infancia, vivendo n'um horizonte muito reduzido das suas faculdades, sendo-lhes quasi completamente desconhecidos os variegados e multiplices *processus* de evolução das forças da natureza, creram que os deuses e as religiões eram a explicação mais completa, o expediente mais plausivel para a solução de infinitos problemas, que aliás lhes seriam insolúveis. Essencialmente homens de fé,—*de credulidade*—, rebeldes á duvida, sem a mais rudimentar noção de probabilidade, divorciados do erro, desprovidos da paciencia,—a mais difficil coragem no estudo da natureza—, não sabendo fazer reservas do assentimento nem desconfiar da propria e alheia intelligencia, atravessavam a vida, pondo em exercicio e actividade o menos de pensamento possivel, n'um *nada* quasi absoluto de todas as faculdades de analyse e experimentação. Tudo o que ultrapassava o circulo estreito das realidades phenomenicas visiveis e palpaveis, qualificavam de *sobrenatural*, que lhes representava como que o denso véu que encobria os impenetraveis páramos do Além e a resonancia do immortal mysterio das coisas.

Para elles era infinitamente menos maravilhoso e mais conforme á intelligencia, ainda rude e inculta, suppôr, por exemplo, o trovão fabricado pela dextrá de Indras ou de Jupiter, que crê-lo produzido pela força da natureza,—a electricidade.

Com igual razão poder-se-ia dizer ainda o mesmo do fluxo do mar, dos eclipses, cometas e terremotos, da vegetação, doenças e outros innumerables phenomenos da natureza em face dos quaes reconheciam a sua impotencia para explical-os.

D'est'arte, com os mythos cosmogonicos—primeiros vôos do psychologico instincto metaphysico—, o espirito e coração do homem prehistoricó entravam em actividade, pretendendo adivinhar as causas supremas e proximas, que plenamente os satisfaziã e lhes proporcionavam uma comprehensão facil e um desfibramento exacto das diversas manifestações do mundo vivo e inerte. Não ia procural-os longe, já que os sêres invisiveis, que elle tinha evocado á vida da realidade d'um mundo facticio, diversos pelos attributos e poderes na razão da variedade dos phenomenos da natureza e das necessidades internas do individuo, tribu, etc., conviviam com elle em intima communhão e sociedade.

Foi, pois, com esta sciencia incipiente, erroneamente induzida e deduzida, com esta concepção pseudo-scientifica da Natureza, suas forças e leis, que o homem e as sociedades primitivas da idade de pedra polida e quiçá do periodo terciario, organisaram e systematisaram os phenomenos religiosos, e appareceu na humanidade a cellula primordial do organismo das diversas religiões, que com o evoluir dos tempos e das gerações se differenciam pela juxtaposição lenta de elementos heterogeneos.

Eis, pois, as religiões na sua primeira phase. Pelo que resalta a verdade do que affirmei no artigo anterior: as religiões são um producto dos dois mesmos factores, que presidem á origem da linguagem e da litteratura, da arte e de tudo o que vemos apparecer na historia— a natureza humana e os factos externos de que soffre a influencia e a impressão. É a razão psychologica d'este *minimum* commum a todas as religiões, cuja natureza, relações, etc., deram origem ás diversas interpretações e hypotheses d'onde resultaram as diversidades irreductiveis entre as fórmãs e systemas religiosos, ainda hoje perdura e impera gloriosamente, a despeito de todo o rigor e exigencia dos methodos scientificos, das luzes e descobertas da sciencia. É que ampliar a esphera do pensamento humano não equivale a invadir e desvendar completamente o campo do *Ignotus*, que é aquelle que os homens exprimem com a palavra—sobrenatural—, e que é o objecto proprio das religiões, as quaes, perdendo no movimento ascensional do progresso muitas e muitas das suas folhas parasitas,—e n'esta faculdade de evolução está o segredo da existencia e duração dos systemas religiosos—, conservam inalteravelmente a raiz primordial da sua razão de ser. A parte *positiva* do progresso, já bastante adiantado nas nossas sociedades modernas, tem de facto satisfeito diversos desideratos do espirito humano, que n'outras eras só as religiões procuravam satisfazer. N'uma infinidade de phenomenos tem dito a ultima palavra, o porquê definitivo.

Explorando os céus, a astronomia e a physica tem apagado diversos traços das divindades e pulverisado, ainda mesmo nas massas populares, antigas legendas (!) e superstições sobre os movimentos sistemicos do sólo, eclipses, etc., que foram um continuo, fecundo e importante factor na genese dos phenomenos religiosos e dos systemas de religião.

A geologia derruiu d'um só golpe diversas tradições religiosas. A meteorologia, ainda tão joven com os seus estudos sobre as diversas correntes e alterações atmosphericas, fez baquear os deuses das chuvas e dos ventos, os Indras dos Hindús e de outras religiões. As sciencias physiologicas e a psychologia teem-nos garantido da maneira mais plausivel a explicação de inumeros problemas do sistema nervoso. Apesar d'esta benefica industria da sciencia, pondo-nos em evidencia os processos da natureza e rectificando-nos a historia dos factos, parece-me verificar-se o que Darwin sabiamente affirmava, quando escrevia: "ainda que adoptem o meu systema até ás suas ultimas dedu-

(!) Legenda é uma historia que se compõe e se idealisa, porque se ignoram os factos reaes. Quanto menos se sabe, mais se é disposto a crear legendas, como mais se é impellido a crêr o sobrenatural, o milagre, quanto menos se conhecem as leis da natureza.

As origens das religiões são fecundas de legendas.

ções e, mediante hypotheses progressivas, cheguem à cellula primordial, a causa d'esta e das suas faculdades de evolução, para produzir seres varios, completos e perfeitos, não é menos mysteriosa que o systema da criação *ex nihilo sui et subjecti*».

Na verdade, não obstante a consciencia ampla e ás vezes completa que o homem moderno adquiriu das forças e leis da natureza, ainda hoje ao espirito humano a cada canto surgem enigmas, de todos os lados saltam duvidas e novas necessidades. O pensamento moderno, na sua nimia incredulidade, e os seus representantes, com os figados devorados pelo abutre da duvida ou confusos como os povos junto da torre de Babel nos plainos de Senaar, cada vez mais se embrenham nos meandros do labirinto, ainda inextricavel da natureza, não tendo conseguido encontrar o fio de Ariadne, que os livraria d'essa situação embarçosa.

Não poucas vezes a imaginação parece fornecer-lhes azas colladas com a cera de engenhosas hypotheses!

Vaga e vaporosa esperança, que ainda não conseguiu leval-os a fazer a salvo a travessia d'essas arduas e arriscadas paragens metaphisicas, pois que longe de terem lido a sorte de Dédalo, miseravelmente se precipitam com Icaro no mar largo dos desenganos!

Que fazer pois, não parecendo crível o apparecimento d'um novo Edipo?

A resposta logica não póde ser outra senão admittir as religiões e as suas divindades, embora como hypotheses provisórias, escalar os seus olympicos aposentos e de lá roubar finalmente o fogo sagrado das verdades primarias e dos ainda infinitos mysterios do universo. De resto, ainda que a concepção d'um mundo exclusivamente governado por leis physicas pudesse solidamente estabelecer-se e os deuses perdessem a sua importancia como soberanos interpretes dos phenomenos naturaes, novas funções lhe seriam attribuidas em virtude das quaes continuariam a prestar ao homem e ás sociedades novos e relevantes serviços.

Um exemplo typico é a divindade das nações latinas, que perdendo o titulo de Deus da natureza e das batalhas, passou a exercer as funções de Deus da Consciencia e do Amor.

(Continua).

⋮ J. MATHIAS LOPES ⋮

## TRANSMIGRAÇÃO

À janella da «Torre» esguia e de loucura,  
A' finda e branca luz de Lua de Janeiro,  
Triumpho-me a olhar... Sou filho da Ternura,  
Afago, não me sou, sou outro viajeiro:

As casas, para mim, são pombas já velhinhas;  
Longe, o «Choupal» é renda em neve bem macia;  
Do «Pio» em bruma, vem-me á mente as andorinhas  
E aza, só, descendo em mar de nostalgia...

Sou bruxo, Anto da lenda e Alma transmigrada!  
Sou bocca sequiosa e que não sabe rir,  
Pagem de negro e oiro em poeirenta estrada...

O' labios meus, rezae; e dae-vos a ungir  
Esta canção de sonho, erguida n'Alvorada,  
Com olhos a beijar na ancia de dormir...

«Torre d'Anto»  
Coimbra — 1914.

Vitor Bettencourt





(Estylo Gothico)

## ARABESCOS

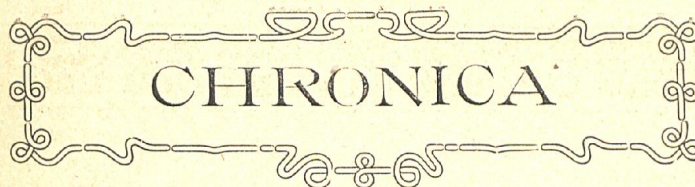
O SÉQUITO partiu. E envôlta em bruma  
Ella ergueu-se mais Alta e foi Saudade,  
Não mais a vi. Contorna uma cidade  
Uma nuvem de Outôno que perfuma.

Quem sou? Respondem eccos. Em ruinas  
Longes castellos queimam horizontes.  
Arqueiam-se arvoredos. Nas campinas  
Sombrios rios rumorejam fontes.

Ella tange uma harpa. Auréola apenas...  
Calaram-se os pavões. Horas morenas  
Poisam tempo nos montes. Velhos tons...

A harpa é oiro, etherizada, esguia...  
E Ella tange tão branca melodia  
Que os dedos se confundem com os sons.

∴ ALFREDO PEDRO GUISADO. ∴



HOI meu destino rabiscar esta chronica.  
Substituir hoje, Garcia Pulido — o camarada querido e  
o espirito scintillante de que costuma brotar a chronica  
d'A Galéra, não é tarefa facil para quem como eu, ao vêr-se «entre  
a espada e a parede» como soe dizer o povo, encontra unica sahida  
em longos silencios, n'essas embaladoras hypnoses em que a alma ás  
vezes desperta e apparece em presenças floridas de coisas que pare-  
ciam olvidadas.

Paranças, abandonos, imobilidades de terraços mouriscos onde  
passeam pavões calados:

Rendas de scismares e nadas a boiar como cysnes em lagos dor-  
mentes; mutismos rythmicos e rezas mudas em ciciars brandos, im-  
perceptiveis:

Momentos triumphaes em que vencidos de nós proprios vamos em  
ascensão de sonho ou ao encontro da Verdade que se nos entrega  
toda nua, sexualizada, sem pudor.

Momentos lindos de encantamento cheios da graça hellenica das  
bailadircs evocando a saltitar, momentos que fogem, que voam em  
longes na noite do tempo e ficam — poeiras doiradas, doces e enter-  
nededoras saudades.

.....

Delas paginas do livro, aberto sobre a mesa de trabalho, revolu-  
teou silente, uma mariposa branca.

Depressa, poisou sobre a prosa da pagina, interrompendo-lhe as  
linhas.

Admirei-me da sua quietação prolongada; quiçá, desejei que vol-  
tasse a emprehender o seu agitado vôo, mas intrigado por esta mari-  
posa — que me traz nostalgias de primavera n'este prologo d'inverno —  
colhi-a pelas azas.

Trem eu entre os meus dedos esguios nas ancias de quem perde a  
liberdade, e deixou n'elles um pôsito branco. A' luz do candieiro de  
bronze, analysei este minusculo corpo que se fatiga com a prisão;  
perguntei-lhe o poema dos seus amores errantes, e na minha imagina-  
ção vi flôres...

Depois, sem caridade, obedecendo a um frio impulso da vontade,  
colloquei-o de azas estendidas sobre uma folha, olhei-o um instante e,  
rapidamente cerrei as capas do livro.

Pensei largo tempo na minha crueldade para com a mariposa branca, pensei n'esta prosaica tarefa de destruir o bello.

Ergo o olhar; brilham com suaves tremuras as estrellas pallidas; a lua mancha o aspaço com transparencia de hostia...

E' uma noite santa, uma noite de legenda.

Abro agora o livro; a mariposa está alli estampada pela brutal pressão.

Volto a pensar na minha crueldade. Mas não; não sou cruel.

O Destino, esse deus que preside ao viver de tudo aquillo que morre, esse deus que joga sempre com os ponteiros dos relógios, baixou ás minhas mãos e estampou a branca victima de azas de seda.

Não somos nós tambem mariposas que peregrinamos pelos jardins da felicidade e as steppas da dôr, que revolteamos a roda do grande livro da Vida e que, um dia, cahimos aprisionados entre as suas paginas amarellas e elegiacas, os cemiterics?

.....

A alma, em presença da Verdade que achou, é como uma planície rasa sob um céu d'onde cae sol; deixa-se acariciar e...

E assim, me brotou silenciosamente a chronica...

Graças, graças Pater Silentium!

E's tu que me tens valido.

Quantas vezes?

Quantas?!

Recordo aquella em que morde a haste de uma rosa, aquella em que amanceirei uns labios de morango para mimos de beijos, e aquella outra em que olhando um bebê que sorria contente, vibrei com o ar, dizendo n'uma d'estas contradicções estupidas da vida, uns versos em que havia soluços, requintes de delicado e tristezas de alegrias perdidas.

Foste tu ainda, a poesia, a alma d'esta chronica destrambelhada sobre o Destino.

*Laus tibi Silentium!*

∴ TITO BETENCOURT ∴

## Critica

**A**O iniciarmos esta secção será bom dizermos que temos que a critica nem deve ter requebros de dançarina zig-zagueando nem ademanos gallegos de moço de esquina e que ella, não deve ser nem céu aberto, nem tampouco mar de naufragios.

Para nós, a nossa secretária ou a scena que olhamos do nosso fauteuil no theatro são uma especie de barril de lixo a que as nossas preferencias e sympathias vão vagabundas buscar o que ellas julgam ainda bom, revolvendo o que não presta; para ellas, entende-se.

E' bem de vêr que assim poderíamos chegar aos exageros de fazermos passar uma joia de oiro por de latão e vice-versa.

Acreditamos que não iremos tão longe, porque n'estes casos de criticos passariamos a criticos n'outro sentido e o mal seria todo nosso. Mas, e adoptando a phrase já consagrada — o caso é este: em critica afastamos-nos de Brunetiére e approximamo-nos de Jules Lemaitre, o illustre *Immortal*, sem abdicarmos umas vezes do nosso lyrismo incorrigivel, outras, do enigmatico bom humor que nos pintalga o que escrevemos.

E, todas estas ligeirinhas reflexões que aqui vão sem prevenções nem ambições são coisas singellissimas ao alcance de todas as cabeças.

Posto isto, colloquemos o monóculo e esticando o pescoço dentro do nosso collarinho engommado a primor, enquanto estragamos ás fumaças um *precioso* Laférme, demos aos quatro ventos e a nós, á laia de propagandista de praça publica, uma amostra para reclame, da nossa visão e do nosso senso:

### A' Banca

Industria Instrumental Portugueza  
(Apostamentos)  
de Michel Angelo Lambertini

E' um repositório de curiosas investigações e bem elaboradas estatísticas sobre a construção dos instrumentos musicos em Portugal.

Trabalho consciencioso em que o erudito revela tenacidade e qualidades apreciaveis, desfazendo alguns erros, mostrando-nos a evolução historica da Industria Instrumental entre nós.

Por este livro que o auctor diz ser um primeiro esboço, sujeito a correcções futuras, entre outras coisas que interessam o estudioso, ficamos sabendo ter vindo a guitarra da loira Albion e o que aliás nada nos admirou, o ser a sua industria sem igual tanto nos tempos do seu apogeu como agora no seu declinar.

E depois d'esta conclusão dada pela estatistica, — a sciencia que falla com a eloquencia dos numeros, haverá ainda quem se atreva a dizer que não nascemos para bater o fadinho, n'este palmo de terra a que um illudido poeta chamou jardim da Europa, á beira-mar plantado?

"Camillo de Perfil.,

de Antonio Cabral. Edição primorosa  
da Livraria Aillaud, Alves & C.<sup>a</sup>

— Lisboa.

Da rapida leitura que fizemos do livro que merece ser lido com mais attenção e de que fallaremos mais detalhadamente no proximo numero, resultou ficarmos bem dispostos. Falla-nos o snr. Cabral do Mestre e fal-o em fulgurações de talento n'uma prosa que tem estylo e que não sabe a manfeiga rançosa, como é de nosso uso dizermos.

Recebemos ainda:

*Missal de Trovas*, de Antonio Ferro e Augusto Cunha; *Noite de Sonhos*, de Motta Cabral; *Nos braços da cruz*, de Garcia Pulido; *Revista Colonial*; *Arte* (Revista); e *Boletim Bibliographico da Universidade de Coimbra*.

Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-ha noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraissants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient en voyés à la redaction.

#### Nota

A absoluta falta de espaço obrigou-nos a retirar d'este numero a sub-secção *De Fauteuil* em que faziamos a critica das peças representadas pela magnifica Companhia Caramba no Theatro Avenida e da sub-secção *A Banca* a critica ao *Missal de Trovas* e ao primoroso livro de Garcia Pulido a que fizemos referencia especial.

⊗ TITUS ⊗

## EXPEDIENTE

- ❖ Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.
- ❖ Toda a collaboração é solicitada.
- ❖ Temos a accrescentar ao já avultado numero dos nossos distinctos collaboradores, os nomes de: D. Carolina Michaëlis, D. Maria Emilia Duarte Costa, D. Aurora de Castro Gouvêa, Mario Beirão, Visconde de Villa-Moura, Firmino d'Azevedo, Armando Leça, Saul d'Almeida, Abel Elyseu e Mario Monteiro Lobo.
- ❖ No proximo numero versos de Francisco Villaespesa, Silva Gayo, Eugenio de Castro e um sensacional artigo do Visconde de Villa-Moura.
- ❖ Ainda a falta de espaço obrigou-nos a truncar o magnifico conto «A Jornada», a cujo auctor e nosso distincto collaborador, pedimos desculpa.
- ❖ Devido á regularisação dos trabalhos da nossa Revista, o numero 4 sahirá em 6 de janeiro proximo.
- ❖ Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

VAGO

